

DÉFICIT REPRESENTACIONAL NOS FALANTES DE L2? UMA REFLEXÃO EM TORNO DE DOIS MODELOS DA ARQUITETURA GLOBAL DA GRAMÁTICA

RICARDO AUGUSTO DE SOUZA*

RESUMO

Este artigo insere-se nos estudos das representações gramaticais de bilíngues. Abordamos a variabilidade de marcação de morfologia de flexão de tempo, aspecto e concordância no inglês como segunda língua. Objetivamos avaliar concepções sobre as representações bilíngues a partir de dois modelos da organização da gramática que as fomentam. Para tal fim, consideramos os dados de dois estudos empíricos, um envolvendo aprendizes do inglês falantes do russo e outro envolvendo falantes do português do Brasil. A discussão dos dados à luz de formulações teóricas sobre a gramática nos leva à opção por um modelo que não assume a sintaxe como único componente combinatorial para a análise das representações bilíngues.

PALAVRAS-CHAVE: aquisição de segunda língua, morfologia de flexão, bilinguismo, teoria linguística.

INTRODUÇÃO

Talvez o estudo do desempenho linguístico de bilíngues em processo de desenvolvimento de suas línguas não maternas pareça, para muitos, um objeto de estudo que guarda pouco interesse para a discussão de modelos teóricos da organização da linguagem. Os padrões revelados por esses falantes revelam frequentemente disparidades com aqueles tidos como modelos da competência linguística. É possível que, por isso, os dados linguísticos de falantes bilíngues suscitem, em um olhar rápido, a crença de que seu interesse resida apenas na avaliação do aprendiz ou, no máximo, do sucesso de determinados procedimentos de ensino e trajetórias de aprendizagem.

* Doutor em Linguística Aplicada. Professor da Faculdade de Letras da UFMG.
E-mail: ricsouza.ufmg@gmail.com

O presente artigo baseia-se na rejeição da visão de que dados bilíngues sejam menos interessantes do que dados de monolíngues para a reflexão acerca de modelos teóricos da arquitetura da gramática e para a discussão de sua adequação empírica. O trabalho tem por objetivo discutir a grande variabilidade, verificada entre adquirentes do inglês como segunda língua (L2), da realização de morfologia flexional de tempo e de concordância. Esse fenômeno encontra, entre seus estudiosos, duas vertentes explanatórias contraditórias. Em uma das vertentes, assume-se uma incompletude fundamental do sistema gramatical do bilingue, vislumbrando-se que a variabilidade resulte de um déficit de representações subjacentes à computação sintática. Em uma outra vertente, vislumbra-se que a variabilidade seja resultado não de representações deficitárias, mas sim da aplicação de mecanismos distintos de mapeamento entre representação gramatical e sua realização morfofonêmica. Neste artigo será salientado o modo como essas hipóteses explanatórias podem ser tomadas como fomentadas especificamente por modelos teóricos sobre a organização da gramática, assim como os próprios modelos serão discutidos à luz dos fatos sugeridos por dados empíricos de falantes bilíngues do inglês.

A seção seguinte trata de teorizações sobre as representações bilíngues e sobre o estatuto destas representações como línguas naturais. A seção subsequente aborda o problema da variabilidade da realização de morfologia flexional, trazendo dados de dois estudos empíricos, um realizado nos Estados Unidos e outro realizado em Minas Gerais, Brasil, envolvendo sujeitos falantes nativos de línguas diferentes, situados em diferentes faixas etárias e em diferentes etapas de seu desenvolvimento cognitivo. Em seguida, passaremos ao exame de dois modelos da organização da gramática: o modelo proposto por Chomsky (1981, 1995) e o modelo proposto por Jackendoff (1997, 2002), divergentes no tocante à centralidade e exclusividade conferida ao componente sintático como fonte de combinatorialidade e produtividade. Esses modelos serão cotejados em relação aos dados de bilíngues e à natureza representacional que é hipotetizada como a eles subjacente. O artigo termina com uma conclusão na qual se buscará tecer considerações sobre o potencial explanatório e as perspectivas de investigação empírica que se desdobram a partir do segundo modelo.

A pesquisa sobre o conhecimento linguístico e seu emprego por falantes de línguas não maternas justifica-se pela prevalência de situações sociais de contato linguístico, acerca do qual Wei (2000) apresenta argumentos quantitativos instigantes. O autor nos convida a refletir sobre o fato de que a estimativa corrente sobre o número de línguas faladas no mundo é de cerca de 6.000, contrastando fortemente com o número de unidades nacionais, estimado em torno de 200 países. Em outras palavras, é fato que a maior parte das populações do mundo se defronta com situações de línguas em contato, estado de coisas para cujo aprofundamento certamente em muito contribui os avanços rápidos das tecnologias da informação e da comunicação (cf. KROLL & DUSSIAS, 2004). As situações de contato linguístico podem ser suficientes em si mesmas para que a aquisição de L2 entre crianças e adultos se dê. Soma-se a elas, entretanto, a forte valoração de habilidades de uso de línguas não maternas no atual cenário da organização socioeconômica global, o que transforma a aprendizagem de várias línguas em bem educacional almejado, portanto alvo de políticas ou estratégias de intervenção e oferta de oportunidades instrucionais cuidadosamente planejadas. Trata-se, obviamente, de uma valoração de fácil verificação na sociedade brasileira.

Tomado como empreendimento mentalista, o estudo da linguagem humana e de suas múltiplas manifestações tem por objetivo a proposição de modelos teóricos que explicitem as representações mentais subjacentes ao conhecimento que o falante de uma língua tem. A compreensão acerca da natureza do conhecimento linguístico, acerca de como ele é adquirido pelos falantes e acerca de como ele é representado na mente é um dos objetivos mais ostensivos dos estudos linguísticos desde a metade do século XX, tal como apontado, entre outros, por Birdsong (2004) e Gass & Mackey (2007). Contudo, trata-se de um objetivo que não se restringe aos estudos que exploram a aquisição da primeira língua, podendo igualmente estender-se ao estudo dos meandros psicológicos das capacidades linguísticas de bilíngues. Esses objetivos podem ser formulados, no tocante aos estudos sobre a aquisição e aprendizagem de línguas não maternas, como as seguintes metas gerais: (a) a explicação de como o aprendiz constrói uma repre-

sentação mental da língua sendo adquirida e (b) a explicação de como essa representação mental vem a ser utilizada na compreensão e produção da L2 (cf. TOWELL, 2004, p. 251).

Assim, podemos perceber que os estudos sobre as línguas não maternas de orientação propriamente linguística acomodam dois tipos de metas teóricas. Tal como apontado por Towell (2004), a primeira meta acarreta um claro alinhamento com propostas conceituais e com teorizações acerca da arquitetura geral das representações linguísticas na mente de cada aprendiz. A segunda, por sua vez, é dependente da conceituação e da teorização acerca de como essa arquitetura é alocada para o processamento efetivo da linguagem nas circunstâncias de compreensão e de produção de enunciados, relacionando-se, portanto, com os fatores que influenciam ambos. A concepção de duas metas ou frentes distintas resulta, portanto, em estratégias heurísticas e metodológicas específicas. De um ponto de vista ontológico, entretanto, elas poderiam ser pensadas como verso e anverso de uma mesma moeda, já que, com especial clareza no tocante às línguas não maternas, quaisquer inferências acerca das representações mentais se pautam em observações de eventos de desempenho.

Historicamente, tal como resenhado em Selinker (1992) e Ellis (2008), a observação sistemática do erro de aprendiz de segunda língua e a busca de explicações orientadas por princípios gerais para sua ocorrência forneceram os ímpetus para a fundação do campo de estudos aquisicionistas voltada para a experiência bilíngue. Assim, para essa vertente de estudos, tanto os desvios em relação aos dados primários que ocorrem nas fases desenvolvimentais da aquisição quanto aqueles relativos às aparentes paradas de desenvolvimento em direção a aproximações maiores do sistema linguístico da língua alvo sempre guardaram interesse especial.

Contudo, percebemos que as singularidades do desempenho linguístico em língua não materna são especialmente interessantes quando concebidas não como apenas frutos da diferenciação da eficácia instrucional, por exemplo, nem tampouco como apenas efeito de aptidões individuais ou de emprego de estratégias para a aprendizagem de línguas. Alternativamente, podemos olhar a aquisição de L2 e as vicissitudes do uso das línguas estrangeiras sob o ponto de vista de que as representações podem ser estritamente restritas aos princípios

organizacionais que permeiam as possibilidades configuracionais das línguas naturais. Segundo Birdsong (2004), desdobra-se de tal ponto de vista o corolário de que, no processo de aprendizagem de uma nova língua, as “hipóteses dos aprendizes sobre as formas possíveis da linguagem são finitas, e não são inconsistentes com a amplitude de traços estruturais das gramáticas de línguas naturais”¹ (p. 82).

O ponto de vista de que as representações de L2 ordenam-se como uma língua natural pode ser também percebido na hipótese da interlíngua. Formulada principalmente em Selinker (1972), à hipótese da interlíngua subjaz a formulação de que a L2 é representada como um sistema linguístico em si, portanto que ganha gradual autonomia em relação aos dados primários da L2 e da língua materna ao longo da aquisição. Para o autor, esse sistema interlingual tem manifestação comportamental nas tentativas do aprendiz/usuário de uma L2 de se comunicar na língua não materna. Na perspectiva teórica da hipótese da interlíngua, as diferenças entre a língua do aprendiz e o desempenho do falante nativo são capturadas pela noção de fossilização.

O conceito de fossilização busca apreender a tendência de formas próprias das interlínguas a permanecer com padrões de realização linguística que contrastam com padrões realizados por nativos. Essa permanência pode se dar, muitas vezes, à revelia de exposição prolongada e intensiva a exemplares da língua alvo, ou mesmo à revelia de tentativas de intervenção pedagógica, como certamente é reconhecido por professores e estudantes de línguas estrangeiras. Em Selinker (1972) são propostos cinco mecanismos cognitivos gerais: a transferência linguística (influências da língua materna), a transferência de treinamento (influências da apresentação da língua alvo feita em circunstâncias de instrução formal), as estratégias de comunicação (recursos expressivos usados para o suprimento de aspectos não internalizados do sistema da língua alvo, em situações de urgência comunicativa), as estratégias de aprendizagem (esquemas de apreensão e memorização de propriedades da língua alvo) e a super-generalização de aspectos internalizados no próprio sistema interlingual em desenvolvimento.

A questão da variabilidade entre a representação interlingual dos bilíngues, em comparação com a relativamente maior estabilidade da gramática de monolíngues é um tema central dos estudos de aquisição de segunda língua. Desde a década de 1980, uma gama de estudos

que abordam esses problemas tem se apoiado no quadro teórico da Gramática Gerativa. Em grande parte, tal aproximação entre a orientação gerativista e os estudos sobre as representações de L2 se deveu principalmente à emergência da teoria de Princípios e Parâmetros (cf. CHOMSKY, 1981) como modelo tomado como capaz de oferecer, entre outras possibilidades, instrumentos teóricos para o problema da variabilidade interlingual.

Na próxima seção serão apresentadas brevemente duas perspectivas que fomentam hipóteses distintas sobre as representações de L2, especificamente frente à questão da realização da morfologia de flexão.

2. VARIABILIDADE DA MORFOLOGIA DE FLEXÃO NO INGLÊS COMO L2

É um fato razoavelmente bem observado que o aprendiz do inglês como segunda língua parece oscilar na marcação de morfologia de flexão nesta língua. Trata-se de um fato talvez surpreendente, uma vez que em comparação às línguas românicas, por exemplo, o inglês é uma língua relativamente pouco flexionada. Não obstante, não são difíceis de observar manifestações de expressão onde há ausência de marcas morfológicas em contextos obrigatórios para as mesmas.

São exemplares de tais ausências enunciados tais como os reproduzidos abaixo (dados de IONIN & WEXLER, 2002, p. 106):

1. girl play with toy.
2. one time I watch this movie.
3. here she playing a movie.
4. Mary so funny.

No enunciado (1) ocorre ausência de marca de concordância de terceira pessoa do singular entre o SN na função de sujeito e o verbo, assumindo-se que o sentido almejado situava o evento, do ponto de vista da semântica de tempo e aspecto, no enquadre lexicalizado pelo suporte morfológico do presente simples. No enunciado (2) ocorre a provável ausência de marcação de passado simples, já que a locução *one time* é fortemente sugestiva de que o evento foi enquadrado como tempo passado. No enunciado (3) ocorre a ausência de forma do verbo *be*, morfológicamente necessária para a construção de aspecto

progressivo em tempo presente, que também marcaria a concordância de pessoa e número. No enunciado (4) há ausência de forma do verbo *be* como cópula, acarretando mais uma vez a ausência de concordância de pessoa e número.

O estudo de Ionin & Wexler (2002), no qual os dados acima são apresentados, buscou avaliar a questão da realização de morfologia flexional através da compilação e análise de evidências de produção linguística de crianças e adolescentes cuja primeira língua adquirida era o russo, em processo de tornarem-se bilíngues, tendo o inglês como L2. Os sujeitos eram vinte aprendizes cujas idades, à época do primeiro contato para o estudo, variavam entre 3;9 (três anos e nove meses) e 13;10 (treze anos e dez meses), com média de idade de 8;4 (oito anos e quatro meses) (cf. IONIN & WEXLER, 2002; p. 104). O desenho experimental do estudo ora abordado propiciava tanto a eliciação de produção espontânea de enunciados verbais quanto testes de julgamento de gramaticalidade.

Um fato interessante encontrado no estudo aqui mencionado com as crianças falantes do russo como L1 foi a ocorrência de formas do verbo *be* em enunciados onde ocorria concomitantemente um verbo temático sem marcas morfológicas de flexão. Essa forma do verbo *be* pode ser denominada “intrusa” pela ausência de evidências de que se trata de uma construção progressiva, que engendraria um contexto obrigatório para a ocorrência de *be*.

São exemplares deste tipo de ocorrência os seguintes enunciados (IONIN & WEXLER, 2002, p. 111):

5. he is want to go up then.
6. he is run away, I stayed there.
7. I'm buy for my mother something.

No enunciado (5) há uma ocorrência do verbo *be* em um evento estativo, portanto com o qual a construção progressiva não é licenciada. Nos enunciados (6) e (7) a ocorrência do verbo *be* se dá conjuntamente com eventos enquadrados, respectivamente, em tempo passado e em tempo futuro. Ionin & Wexler (2002) interpretam esses exemplares como possíveis manifestações de marcação de tempo e de concordância no sistema morfológico incipiente dos aprendizes.

Entretanto, dificilmente a explicação dessas ocorrências limitam-se a considerações da especificidade da experiência linguística prévia com sua língua materna dos sujeitos do estudo de Ionin & Wexler (2002), nem tampouco ao fato de serem eles crianças de pouca idade. Em um estudo realizado no Brasil, em Minas Gerais, por Carneiro (2008), houve a documentação de ocorrências bastante semelhantes. A autora também se pautou em um desenho experimental com eliciação de produção espontânea, aliada a testes de aceitabilidade. Seu estudo envolveu adultos cognitivamente maduros, com alto grau de instrução (em sua maioria, profissionais da área de saúde), falantes do português como língua materna e em processo de desenvolvimento como bilíngues cuja L2 é o inglês.

O estudo de Carneiro (2008) enumera um grande número de ocorrência de enunciados onde a variabilidade de manifestação de morfologia de flexão é notória. Seus dados revelam a possibilidade de oscilações em relação aos padrões da língua alvo dentro de um único enunciado proferido por um mesmo falante. São exemplares desse tipo de ocorrência os dados abaixo (CARNEIRO, 2008, p. 83, negritos no original):

8. [...] and after that she **have** a breakfast, **go** out to the work. She **arrives** on the work and saw the persons when she **works** and after this she **read** a... I'm not sure... the news for example [...]
9. He **kissed**...he **kiss** one kiss? No, he **kissed** the prince and suddenly and they and he **transform** to a toad. And all of them live happy forever.

Soma-se a esses dados o fato de que o estudo de Carneiro (2008), tal como o estudo de Ionin & Wexler (2002), também documentou ocorrências do verbo *be* “intruso”. Os exemplares abaixo ilustram estas ocorrências no estudo da autora (CARNEIRO, p. 93, negritos no original):

10. The **man was spank** his wife. The woman went at my house, crying very much, saying that her husband want to kill her.
11. I don't I didn't talk with my father and he stay there. **I'm repair** the my system, but I work with another person, from for example this case General Electric engineer from General Electric repair this resonance.

Especificamente dentro do quadro dos estudos de orientação gerativista, o problema da realização morfológica de configurações de concordância, tempo e aspecto nas gramáticas interlinguais constitui um objeto privilegiado de teorização. Essa teorização tem como aspecto principal o questionamento da integralidade das representações mentais disponíveis aos bilíngues em estados iniciais da aquisição. Cabe mencionar aqui que essas hipóteses alinham-se a um interesse dos estudos de orientação gerativista acerca do assim chamado estado inicial da aquisição, definido como o conhecimento linguístico inconsciente que o aprendiz de L2 traz para sua experiência de aprendizagem (cf. WHITE, 2003). A formulação de hipóteses sobre o estado inicial coaduna-se com a busca de conceituação sobre a existência, natureza e grau de restrições impostas pela Gramática Universal (GU) sobre a aprendizagem de L2, temática que costuma figurar como objetivo central em parte expressiva da pesquisa gerativista em aquisição de segunda língua.

A formulação de explicações para a variabilidade tem fomentado duas hipóteses explanatórias que concebem a natureza da representação gramatical em estado inicial de modo divergente. De modo genérico, tais perspectivas explanatórias podem ser agrupadas como hipóteses que vislumbram um déficit das representações interlínguas ou, alternativamente, hipóteses que compreendem a variabilidade interlingual como reflexo de estratégias diferentes de mapeamento entre configurações estruturais e as formas através das quais elas são lexicalizadas.

Uma das hipóteses assume que fatos de variabilidade morfológica interlingual, como os acima exemplificados, são indicadores de déficit da representação gramatical a eles subjacentes. Neste ponto de vista, a sintaxe dos bilíngues é marcada pela ausência de projeções de categorias funcionais (tais como IP e AgrP) responsáveis pela computação de tempo e concordância. Tal como resenhado em White (2003), os proponentes desta perspectiva assumem, por exemplo, que os bilíngues tardios, ou seja, já falantes de uma língua materna trazem para a aquisição de L2 as categorias lexicais disponíveis em sua língua materna. Ainda segundo White (2003), um debate que se instala entre os pesquisadores que adotam esta perspectiva é até que ponto o aprendiz é capaz de adquirir

as categorias funcionais e seus valores na língua alvo a partir do insumo da L2.

A outra hipótese não assume déficit representacional. Alternativamente, propõe-se que a variabilidade das possibilidades de realização interlingual de morfologia de superfície seja um indício de especificidades no mapeamento das representações sintáticas e as representações morfofonológicas da L2 disponíveis para o bilíngue. Trata-se do prisma ao qual se alinham os estudos de Ionin & Wexler (2002) e de Carneiro (2008).² Tomam-se como evidências da presença da uma representação sintática não deficitária a ocorrência de marcação de caso adequada nos sintagmas nominais licenciados e a própria ocorrência de possíveis formas tentativas, ou não padrão, de manifestações de tempo e concordância, como o verbo *be* intruso.

O debate em torno da concepção de déficit da representação gramatical no conhecimento da segunda língua dos bilíngues pauta-se, ainda que tacitamente, quase sempre em um modelo da estrutura global da gramática que confere à sintaxe um lugar privilegiado dentro da cognição. Trata-se de um ponto de vista em claro alinhamento com a proposta teórica advinda do trabalho de Noam Chomsky. Na próxima seção, explicitaremos este modelo e, ao mesmo tempo, o cotejaremos com uma proposta alternativa. A partir dessa reflexão, discutiremos algumas possibilidades de releitura e de novas investigações sobre dados e fatos como os aqui mencionados.

3 REPENSANDO A VARIABILIDADE DA MORFOLOGIA DE FLEXÃO EM L2 A PARTIR DE DOIS MODELOS DA ARQUITETURA GLOBAL DA GRAMÁTICA

A teoria da gramática oferece-nos postulados acerca da organização cognitiva da linguagem que, em última análise, constituem as bases conceituais a partir das quais se confere inteligibilidade a dados empíricos como os apresentados acima. Tal como mencionado, o quadro teórico da Gramática Gerativa têm contribuído, especialmente a partir da Teoria de Princípios e Parâmetros, para a formulação de hipóteses sobre a natureza da interlíngua. O debate acerca da integralidade das representações gramaticais dos bilíngues, motivado pelas duas direções

explanatórias aqui tratadas, remete-nos claramente a esses modelos de arquitetura.

Tal como sugerido por Jackendoff (1997), Van Valin & LaPolla (1997) e Culicover & Jackendoff (2005), a proposta de arquitetura da gramática sustentada na teorização chomskiana adota o princípio de que o componente responsável pela recursividade e pela produtividade da linguagem humana é a sintaxe. A centralidade da sintaxe nesse quadro é mencionada por Jackendoff (1997) como um “sintaticocentrismo” da teorização gerativa.

A centralidade da sintaxe, assumida como um componente da Gramática Universal, surge com clareza em Chomsky (1981, p. 17), onde o autor expõe os arcabouços da noção de derivação. Partindo da noção de que ao modelo da gramática cabe a expressão das associações entre representações de forma e representação de significado.

Tal arcabouço surge com o seguinte traçado: cabe ao componente sintático gerar estruturas, à época do trabalho citado denominadas “S-estrutura”, passíveis de interpretação semântica pelo componente de interface denominado Forma Lógica (LF em inglês) e de interpretação fonológica pelo componente denominado Forma Fonética (PF em inglês). A base ou *input* das derivações (denominado de D-estrutura no quadro da teoria anterior ao Programa Minimalista, onde a noção de transformação de D-estrutura para S-estrutura é substituída pela operação de *Spell-out*), tal como exposto em Chomsky (1995, p. 22), é tomado como produto da interface do léxico com o sistema computacional, ou seja, a sintaxe.

Tal como realçado em Hornstein, Nunes & Grohmann (2005), esse modelo de arquitetura desenha uma representação em “T” da gramática (ver Figura 1, a seguir), uma vez que somente o nível das S-estruturas, produzidas pela inserção de itens do léxico no sistema computacional, ou seja, na sintaxe, tem relação com os níveis LF e PF. Tomados como níveis de interface, sendo LF uma interface entre a gramática e representações conceitual-intencionais e PF um nível de interface entre a gramática e representações perceptual-articulatórias (cf. CHOMSKY, 1995, p. 168-169), torna-se visível que o modelo de fato postula não só a centralidade, mas a autonomia da sintaxe. Os produtos das operações da sintaxe fornecem o input dos componentes fonológico e conceitual.

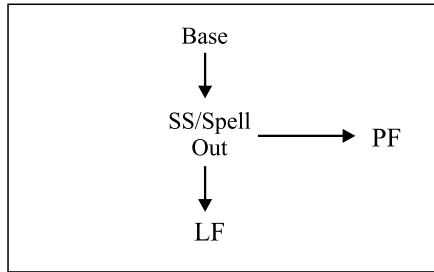


Figura 1. Modelo Chomskiano de Arquitetura da Gramática
(Adaptado de HORNSTEIN, NUNES & GROHMANN, 2005, p. 23 e p. 73)

Em um modelo que confere centralidade ao componente sintático, atribuindo às operações computacionais que nele se aplicam sobre itens do léxico mental, a hipótese de que a variabilidade da manifestação gramatical das interlínguas seja produto de um déficit representacional é bastante plausível. Tal déficit pode ser, então, tomado como uma representação sintática de base onde as configurações interlinguais se dão de modo bastante distintivo das configurações dos monolíngues. Tal seria o caso, por exemplo, na hipotetização de que os bilíngues, tanto crianças como adultos, partem de um estado inicial onde apenas as categorias lexicais (nome e verbo, por exemplo) são projetadas, não havendo a projeção de categorias funcionais. Esse estado de coisas, tal como mencionado acima, é passível de ser tomado como explicação para a ausência de manifestações de morfologia de flexão em exemplares de desempenho linguístico interlingual como os comentados acima.

Um modelo alternativo de arquitetura global da gramática vem sido proposto por Jackendoff (1997 e 2002). O autor se refere a sua proposta como uma “arquitetura paralela”. A metáfora subjacente a esta denominação é a de que as representações conceituais, fonológicas e sintáticas se interrelacionam, mas são concomitantemente independentes e não organizadas hierarquicamente. Ou seja, trata-se de um modelo que rejeita a primazia das representações sintáticas sobre as representações semântico-conceituais e fonético-fonológicas. Ao contrário, admite-se neste modelo que cada um destes níveis representacionais tem propriedades combinatórias próprias, podendo engendrar computações que podem fomentar representações nos níveis vizinhos de modo independente (cf. JACKENDOFF, 2002, especialmente o Capítulo 5).

Este modelo é representado graficamente na Figura 2, abaixo:

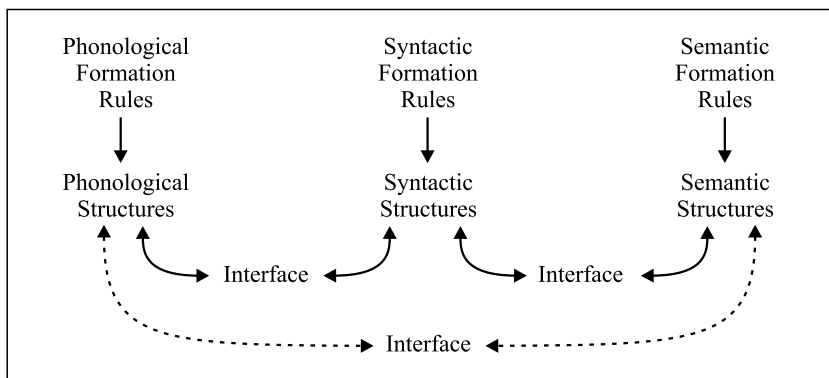


Figura 2. Modelo da Arquitetura Paralela da Gramática
(JACKENDOFF, 2009)

Tal como exposto em Jackendoff (2002, p. 126), o modelo esboçado acima se alinha à perspectiva de que a representação sintática é mediadora entre a expressão formal, sonora e a representação conceitual-semântica, ou seja, entre som e significado. Na Figura 2, essa noção é imageticamente metaforizada na posição da representação sintática ao meio. Contudo, essa posição ao meio não acarreta uma visão sintaticocêntrica, tal como discutida acima, uma vez que não se assume uma priorização das representações sintáticas sobre as demais. As representações sintáticas têm interface com representações semânticas e fonológicas, como representada pelas setas duplas na parte inferior da Figura 2. Não obstante, igualmente há interfaces entre estrutura fonológica e conceitual que não são necessariamente mediadas por representações sintáticas.

No modelo da arquitetura paralela a inserção lexical é também vislumbrada de modo diferenciado. O léxico não é tomado como um conjunto de itens sobre o qual se aplicam operações do sistema computacional sintático. Os itens do léxico constituem unidades de armazenamento na memória de longo prazo (JACKENDOFF, 2002, p. 130) que mescla traços dos níveis de representação da arquitetura paralela. A inserção lexical é vista, assim, como realização manifesta das interfaces entre as estruturas engendradas pelos componentes representacionais.

O autor é explícito em afirmar que a “função dos itens lexicais é servir como regras de interface e o léxico como um todo deve ser visto como parte dos componentes de interface”³ (JACKENDOFF, 2002, p. 131). À guisa de exemplo de sua proposta de conceituação do léxico como operação de interface entre os níveis representacionais paralelos, o autor chama a atenção de seus leitores para instâncias linguísticas tais como os seguintes itens lexicais:

- A. “Estrela”: Item lexical que encapsula representações de nível fonológico, de nível semântico-conceitual e de nível sintático – por exemplo, NOME, MASCULINO, 3ª PESSOA, SINGULAR.
- B. “Tchau”: Item lexical que encapsula representações majoritariamente de nível fonológico e semântico conceitual.
- C. O expletivo *IT*, do inglês, em construções tais como *It's hot in here* (citado em JACKENDOFF, 2002, p. 132): Item lexical que encapsula representações de nível sintático (NOME, 3ª PESSOA, SINGULAR), de nível fonológico, porém não de nível semântico.

Do ponto de vista do modelo da organização da gramática da arquitetura paralela, acreditamos ser possível revisar os dados de variabilidade da manifestação interlingual da morfologia de flexão tratados acima sem precisar postular a existência de um déficit representacional entre os bilíngues. Ou seja, o modelo converge com a posição de que a especificidade interlingual pode ser compreendida como uma especificidade de mapeamento.

Tomemos os exemplares de omissão de morfologia flexional, ou seja, os exemplares numerados de 1 a 4, dados de Ionin & Wexler (2002), e os exemplares 8 e 9, dados de Carneiro (2008). Para facilitação da referência, os dados são reproduzidos abaixo:

- 1. girl play with toy.
- 2. one time I watch this movie.
- 3. here she playing a movie.
- 4. Mary so funny.
- 8. [...] and after that she have a breakfast, go out to the work. She arrives on the work and saw the persons when she works and after this she read a... I'm not sure... the news for example [...]

9. He kissed...he kiss one kiss? No, he kissed the prince and suddenly and they and he transform to a toad. And all of them live happy forever.

A possibilidade de interfaces imediatas entre representações conceitual-semânticas e as representações fonológicas torna plenamente plausível que o enquadramento dos eventos expressos nos predicados acima em uma determinada referência temporal se dê sem a intervenção da computação de traços em uma projeção funcional abstrata. Essa hipótese torna-se acentuadamente plausível no exemplar (2) onde o conceito de tempo do evento é manifesto pelo SN “one time” e no exemplar (3), onde o SN “here” e a flexão verbal participial presente podem ter sido âncoras suficientes para a composição da manifestação formal do enunciado. No exemplar (4), chama a atenção o fato de o predicador ser o adjetivo, sendo que predicções dessa natureza dispensam a realização de um verbo copular, que por sua vez é semanticamente esvaziado mesmo quando sua ocorrência se dá, pois não se configura como verbo temático.⁴

São igualmente passíveis de uma releitura a partir do modelo da arquitetura paralela os interessantes exemplares de ocorrência de formas “intrusivas” do verbo *be*, numerados de 5 a 7 – dados se Ionin & Wexler, e 10 e 11 – dados de Carneiro, acima. Mais uma vez, os dados são reproduzidos com vistas à facilitação da referência:

5. he is want to go up then.
6. he is run away, I stayed there.
7. I’m buy for my mother something.
10. The man was spank his wife. The woman went at my house, crying very much, saying that her husband want to kill her.
11. I don’t I didn’t talk with my father and he stay there. I’m repair the my system, but I work with another person, from for example this case General Electric engineer from General Electric repair this resonance.

Tal como observado tanto por Ionin & Wexler (2002) quanto por Carneiro (2008), o *be* “intruso” parece estar fortemente associado a formas verbais finitas. O *be* “intruso” parece, portanto, manifestar uma configuração flexional aproximativa, através da vocalização de um item

lexical mais prontamente disponível ao acesso do aprendiz durante o processamento. Sua ocorrência como item lexical aproximativamente parece ser integralmente compatível com uma visão do desenvolvimento gradual do léxico bilíngue e situar a forma alternante com afixos flexionais claramente como uma alternativa de mapeamento ou, dentro da terminologia e conceituação proposta por Jackendoff (2002), mencionada acima, de seleção de componente de interface.

Em um modelo não sintaticocêntrico de arquitetura da gramática, portanto, a hipótese de déficit representacional no conhecimento de L2 de falantes bilíngues não surge como uma solução necessária para a explicação de fenômenos de variabilidade interlingual, à semelhança do que é documentado quanto à realização de morfologia flexional. A variabilidade pode ser pensada estritamente como uma questão de mapeamento e, potencialmente, de processamento linguístico.

Na seção seguinte concluiremos esta reflexão, sintetizando os pontos principais da argumentação até este ponto desenvolvida e apontando justificativas para a que a hipótese de que a variabilidade interlingual ocorre em função de mapeamento/processamento seja vista como vantajosa em relação à hipótese de déficit representacional.

CONCLUSÃO: EM DEFESA DA ASSOCIAÇÃO ENTRE VARIABILIDADE INTERLINGUAL E ESPECIFICIDADES DE MAPEAMENTO

Neste trabalho abordamos algumas questões relativas às representações gramaticais que parecem subjazer ao desempenho de bilíngues em processo de aquisição de sua L2. Apoiamos-nos em uma concepção de que as representações de L2 podem ser abordadas como línguas naturais. Nessa perspectiva, o estudo de dados produzidos por falantes de línguas não maternas, ou deles eliciados, pode constituir um importante meio para o cotejamento de hipóteses teóricas sobre o a organização da linguagem, sua aprendizagem e seu processamento. Salientamos, ainda, o forte impacto que a orientação gerativista teve sobre a teorização das interlínguas. A variabilidade como característica saliente do desempenho bilíngue foi destacada, com especial ênfase em um campo de fenômenos bastante visíveis: a variabilidade de realização da morfologia de superfície. A esse respeito, trouxemos alguns dados de aquisição do inglês como língua não materna por crianças e pré-

adolescentes falantes do russo como primeira língua e de adultos com alto nível instrucional falantes do português do Brasil como primeira língua. Os dados revelam tanto a possibilidade de omissão de marcação de superfície por lexicalizações de morfemas de tempo, aspecto e concordância, quanto um uso generalizado de formas de *be* em contextos gramaticais nos quais não se espera sua ocorrência. Essas formas de *be*, as quais poderíamos chamar de intrusas, parecem constituir uma espécie de alomorfe da marcação de concordância.

Discutimos o fato de que a variabilidade verificada fomenta duas direções distintas quanto às hipóteses explanatórias: uma perspectiva de que a variabilidade se deve a um déficit representacional e uma outra perspectiva que assume que a variabilidade resulta de uma especificidade de mapeamentos interlinguais. Passamos, então, à consideração de que postulados sobre a arquitetura da gramática fomentam de forma mais evidente cada uma dessas hipóteses. Nessa consideração discutimos como a centralidade e a primazia da sintaxe, no modelo chomskiano da gramática, parece ser mais sugestivo da concepção de déficit representacional do que um modelo como o da arquitetura paralela, que vem sendo proposto por Ray Jackendoff, especialmente a partir de 1997. Este modelo, por tomar o léxico como representações de interfaces entre a estrutura conceitual, a estrutura sintática e a estrutura fonológica, acomoda dados de falantes bilíngues que revelam alta volatilidade no grau de presença de morfologia de flexão sem a necessidade de que sejam postuladas lacunas e ausências em representações mentais.

Julgamos que um modelo teórico que não assume em princípio a idéia de déficit representacional traz ganhos quando confrontado com um fato empírico relevante, revelado pelos dois estudos aqui cotejados. Trata-se do fato de que fenômenos de ausência de morfologia de flexão parecem ocorrer de modo bastante semelhante, de um ponto de vista descritivo, na aquisição de bilíngues de idades e níveis de maturação cognitiva bastante díspares. Se tratássemos apenas de crianças em processo de aquisição de L2, tal qual parte dos sujeitos do estudo de Ionin & Wexler (2002), talvez ganhasse razoável plausibilidade a hipótese de que nos estágios iniciais de aquisição haja apenas a computação de categorias lexicais. Tratar-se-ia, muito possivelmente, de um efeito paralelo ao desenvolvimento natural da linguagem, com prevalência e

primazia de surgimento de itens lexicais substantivos. Contudo, essa explicação parece perder naturalidade quando se busca aplicá-la a aprendizes de L2 adultos, que se tornam bilíngues como portadores de longa experiência vivencial com a organização da linguagem.

Não parece intuitivo hipotetizar que, em situação de aprendizagem de uma nova língua, alguma variável incógnita conduza até mesmo o aprendiz adulto a retornar a um estágio no qual sua representação gramatical apague as operações de concordância ou de marcação de tempo e aspecto. A solução do déficit representacional no estado inicial da aquisição de L2 parece ganhar vigor mais especificamente quando ela se torna peça a ser encaixada em um quadro de modelagem da arquitetura da gramática que postula ser uma representação sintática de base o único componente capaz de computar tais operações.

A perspectiva trazida pelo modelo da arquitetura paralela, por outro lado, permite-nos indagar acerca de outros aspectos da expressão linguística, como por exemplo, se elementos da organização prosódica dos enunciados contém pistas que se relacionem às configurações de sentido e organização gramatical. Trata-se de um aspecto que é aparentemente negligenciado em grande parte da pesquisa sobre interlínguas. Igualmente, essa perspectiva abre possibilidades interessantes sobre a variabilidade se dever a fatores de processamento, notadamente ativação e acesso de diferentes estratégias e padrões de lexicalização. Abrem-se assim, possibilidades potencialmente promissoras de investigação psicolinguística experimental, vislumbrando-se a verificação de interações com efeitos de tarefa, de frequência, de proficiência e de capacidade de memória de trabalho.

REPRESENTATIONAL DEFICIT AMONG L2 SPEAKERS? REFLECTING ON TWO MODELS
OF THE GLOBAL ARCHITECTURE OF GRAMMAR

ABSTRACT

This article discusses bilingual grammatical representations. The variability in overt inflectional morphology of tense, aspect, and agreement among English L2 learners is addressed. The goal is to assess conceptualizations about the nature of bilingual representations stemming from two models of the organization of grammar. To achieve such goal, we offer a new reading of

data from two empirical studies with English L2 learners from both Russian and Brazilian Portuguese linguistic backgrounds. A discussion of the empirical data from the vantage point of the underpinning models will lead to a view of the syntactic component as not the single source of combinatoriality as better fitting analyses of bilingual representations.

KEY WORDS: Second language acquisition, inflectional morphology, bilingualism, linguistic theory.

NOTAS

- 1 Minha tradução de “learners hypotheses about the possible forms of language are finite, and are not inconsistent with the range of structural features of natural language grammars”.
- 2 Ambos os trabalhos de Ionin & Wexler (2002) e de Carneiro (2008) apoiam-se, na construção de sua interpretação, no modelo teórico da organização da gramática que advém da Morfologia Distribuída (cf. HALLE & MARANTZ, 1993; HARLEY & NOYER, 1999). A Morfologia Distribuída é um modelo teórico que mantém, à semelhança do chomskiano, a centralidade e exclusividade recursiva do componente sintático, tal como apresentado na seção seguinte. Ela se aproxima da alternativa discutida neste trabalho, entretanto, por rejeitar a hipótese de inserção primeva do léxico nos estágios iniciais de computação sintática.
- 3 Minha tradução de *the function of lexical items is to serve as interface rules, and the lexicon as a whole is to be regarded as part of the interface components*.
- 4 No próprio inglês, assim como em português em predicções de objeto após certos verbos psicológicos, a ocorrência de cópula não é esperada, como em “I found Mary so funny” e “Eu achei a Mary tão engraçada”.

REFERÊNCIAS

BIRDSONG, D. Second Language Acquisition and Ultimate Attainment. DAVIES, A. & ELDER, C. (Eds.). *The Handbook of Applied Linguistics*. Malden, Mass.: Blackwell Publishing, 2004. p. 82-104.

CARNEIRO, M. M. *Morfologia de Flexão no Inglês como L2*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding* – The Pisa Lectures. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1981.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

CULICOVER, P. & JACKENDOFF, R. *Simpler Syntax*. New York: Oxford University Press, 2005.

ELLIS, R. *The Study of Second Language Acquisition* – 2. Edition. Oxford: Oxford University Press, 2008.

GASS, S. & MACKEY, A. *Data Elicitation for Second and Foreign Language Research*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K. & KEYSER, S. J. (Orgs.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: The MIT Press. 1993.

HARLEY, H. & NOYER, R. Distributed Morphology. *Glott International*, v. 4, n. 4, p. 3-9, 1999.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J. & GROHMANN, K. *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

IONIN, T.; WEXLER, K. Why is ‘is’ easier than ‘-s’?: acquisition of Tense/ agreement morphology by child second language learners of English. *Second Language Research*, v. 18, p. 95-136, 2002.

JACKENDOFF, R. Compounding in the Parallel Architecture and Conceptual Semantics. In: LIEBER, R.; & ŠTEKAUER, P. (Orgs.). *The Oxford Handbook of Compounding*. New York: Oxford University Press, 2009. p. 105-128.

JACKENDOFF, R. *Foundations of Language*. New York: Oxford University Press, 2002.

JACKENDOFF, R. *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1997.

KROLL, J. & DUSSIAS, P. The Comprehension of Words and Sentences in Two Languages. In: BHATIA, T. R. & RITCHIE, W. C. (Eds.). *The Handbook of Bilingualism*. Malden, Mass.: Blackwell Publishing, 2004.

SELIKER, L. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, v. 10, 1972. p. 209-231.

SELINKER, L. *Re-discovering Interlanguage*. London/New York: Longman Group, 1992.

TOWELL, R. Representational Modularity and Second Language Acquisition Research. *Transactions of the Philological Society*. v. 102, n. 2. p. 281-305, 2004.

VAN VALIN, R. & LAPOLLA, R. *Syntax: Structure, Meaning and Function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

WEI, L. Dimensions of Bilingualism. In: WEI, L. (Org.). *The Bilingualism Reader*. London/New York: Routledge, 2000.

WHITE, L. *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.